

A Categoria Vivência (Erlebnis) em Dilthey e Moreno

The Experience Category (Erlebnis) in Dilthey and Moreno

Manoel Mendonça Souza *

Resumo:

Esta comunicação é uma reflexão teórica, aproximando Wilhelm Dilthey (1833-1911) e Jacob Levy Moreno (1889-1974). O fundamento de toda essa articulação é a categoria Vivência (Erlebnis) de Dilthey. A interlocução que se estabelece dessa categoria com a proposta de Moreno para o conceito de Encontro, resulta em uma importante contribuição e ponto de reflexão para se compreender o homem enquanto objeto de investigação, possibilidade de compreensão e de intervenção psicológica. O presente trabalho se propõe a estabelecer os correlatos teóricos que possibilitam tal diálogo. Ao enfatizar os pontos de interfaces e os diversos paralelismos, que se podem estabelecer entre a categoria Vivência (Erlebnis) de Dilthey e a categoria Encontro de Moreno, procura-se despertar o interesse em aprofundar as diversas possibilidades de articulação, que a teoria moreniana apresenta com os outros saberes, principalmente o filosófico. Objetiva-se, assim, que o respaldo teórico emergente dessa aproximação construa mais uma ponte para a teoria psicodramática.

Palavras-chave: Vivência; Encontro; Teoria Psicodramática; Ciência da Religião.

Abstract:

This communication is a theoretical reflection approaching Wilhelm Dilthey (1833-1911) and Jacob Levy Moreno (1889-1974). The basis of all this theoretical articulation is the Experience Category (Erlebnis) by Dilthey. The dialogue established in this category with Moreno's proposal for the concept of Encounter, results in an important contribution and is a moment of reflection to understand the man as an object of investigation, possibility of psychological comprehension and intervention. This present work aims to establish theoretical correlate which allows such dialogue. Emphasising the interfacing aspects and the various parallelisms which can be established between the Experience Category (Erlebnis) by Dilthey and the category Encounter by Moreno, it is aimed to arouse interest in deepening the various possibilities of articulation which Moreno's theory has with other knowledge mainly philosophic. It is aimed, thus, that emerging theoretical support of this approach will contribute to the psychodramatic theory.

Keywords: Experience; Encounter ; Psychodramatic Theory; Science of Religion.

* Mestrando em Ciências da Religião

Introdução

DIVISA

Mais importante do que a ciência é o seu resultado,
Uma resposta provoca uma centena de perguntas.
Mais importante do que a poesia é o seu resultado,
Um poema invoca uma centena de atos heróicos.
Mais importante do que o reconhecimento é o seu resultado,
O resultado é dor e culpa.
Mais importante do que a procriação é a criança.
Mais importante do que a evolução da criação é a evolução do criador.

Em lugar de passos imperativos, o imperador.
Em lugar de passos criativos, o criador.
Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.
E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos
e colocá-los-ei lugar dos meus;
E arrancarei meus olhos
para colocá-los no lugar dos teus;
Então ver-te-ei com os teus olhos
E tu ver-me-ás com os meus.

Assim, até a coisa comum serve o silêncio
E nosso encontro permanece a meta sem cadeias:
O Lugar indeterminado, num tempo indeterminado,
A palavra indeterminada para o Homem indeterminado.

J. L. Moreno, em Viena, 1914,¹ publica, anonimamente, em forma de poema, o “seu convite ao encontro” (*Einladung zu einer Begegnung*). Esse poema é a fonte de inspiração em busca dos fundamentos para nossas reflexões. Nele estão contidas muitas das ideias e propostas moreniana para a compreensão do homem.

Para Moreno, mais que um ser biológico, psicológico e sociocultural, o homem é, também, um ser cósmico e relacional. A base dessa relação é o encontro. Tal concepção do ser humano possibilita a construção de um diálogo entre Moreno e Dilthey, tendo como base as categorias vivência e encontro.

Embora Dilthey não se encontre entre os filósofos que possam ter contribuído para a construção do edifício teórico psicodramático, segundo Martín,² pode-se observar

¹ J. FONSECA, *Psicodrama da Loucura: Correlações entre Buber e Moreno*, 2008, p. 17.

² G.E. MARTÍN, *Psicologia do encontro: J.L. Moreno*, p. 16. Nesta obra, Garrido Martín descreve o marco filosófico da obra moreniana, disponível para maiores informações.

grande similaridade e confluências de ideias desses dois autores. Tal proposta se impõe como uma contribuição a mais nos referenciais do Psicodrama, tanto na sua vertente teórica quanto prática.

Ao tomarem como objeto de compreensão o homem e sua maneira de se colocar no mundo, o ponto de interseção entre Dilthey e Moreno começa a se fazer presente. Não se trata apenas disso. Este ensaio pretende explicitar como é possível um diálogo entre os dois e suas contribuições para uma epistemologia psicodramática. Será então utilizada a categoria vivência de Dilthey, para a aproximação com as ideias moreniana da categoria encontro de Moreno.

Os interlocutores: Dilthey e Moreno

Wilhelm Dilthey, nascido na Alemanha, em novembro de 1833, faleceu em 1911. Filósofo alemão cuja grande contribuição à filosofia deu-se em sua proposta de fundamentar o conhecimento das chamadas “ciências do espírito”, isso é, as ciências humanas. O objeto de conhecimento dessas ciências é o homem e seu comportamento perante o mundo em que vive. Para Dilthey, tal conhecimento só se torna possível a partir da compreensão pelo “interior do sujeito”, o que seria impossível para as chamadas ciências da natureza. Daí todo o seu empenho em fundamentar uma ciência capaz de criar as condições de possibilidade para o estudo e compreensão do homem, tanto o seu mundo interior, quanto mundo exterior. Os meios necessários para essa possibilidade, segundo Dilthey, é a visão do homem como um ser histórico e social, resultado de sua experiência psicológica e vivencial.

Na vivência cooperam conjuntamente os processos de todo o ânimo. Nela é-nos dada a conexão, enquanto os sentidos oferecem apenas uma multiplicidade de particularidades. O processo individual é sustentado na vivência pela totalidade integral da vida anímica, e a conexão em que se encontra em si e com a totalidade da vida anímica pertence à experiência imediata. Isso determina já a natureza da compreensão de nós mesmos e dos outros.³

³, W. DILTHEY, *Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*, p. 48.

“O ponto de partida é o vivenciar”.⁴ Essa expressão traduz a ideia fundamental diltheyana, que procura sempre a unidade do indivíduo em sua singularidade e a sua vida, nas dimensões de sua realidade psicofísica, sua visão de mundo e de seu tempo. A experiência vivida, imediata (*Erlebnis* – Vivência), ao se tornar a realidade interna e unitária, fundamenta e possibilita toda a apreensão da realidade humana e histórica, em dimensão concreta e da vida. Com isso, ele rompe com as ideias kantianas, vigentes em sua época e aproxima-se de Hegel em sua visão histórica do homem. Desenvolve todo um projeto hermenêutico, que embora pensadores como Heidegger, Gadamer e Ricoeur lhe tenham construído críticas contundentes, acima de tudo, demonstram a importância do legado diltheyano para a filosofia e demais formas de conhecimento, que tenham o homem e a vida humana, como objeto de investigação e de compreensão.

É essa mesma vida, que Moreno toma como modelo e inspiração, para construir todo o seu projeto psicoterapêutico. Sua pretensão era criar as condições de possibilidades de ajudar aqueles que, por ventura, perdessem sua capacidade de viver de maneira espontânea e criativa, fundamento de felicidade e de plenitude de vida.

É Moreno quem nos diz:

O objetivo do psicodrama foi, desde o começo, construir um conjunto terapêutico que usasse a vida como modelo, a fim de integrar nele todas as modalidades de viver, começando com os universais – tempo, espaço, realidade e cosmos-, a serem aplicados a todos os detalhes e nuances da vida e da realidade prática.⁵

Jacob Levy Moreno, médico psiquiatra de origem judaica (sefardim), foi o criador do Psicodrama como um movimento capaz de desenvolver uma teoria e uma técnica psicoterápica. Seu objetivo é possibilitar a compreensão do homem em seu sofrimento e a possibilidade de intervenções psicoterapêuticas, a fim de minimizar a angústia humana no mundo em que vive. Concebe esse homem como um ser relacional, histórico e espontâneo. Acredita que a perda dessa espontaneidade seja a fonte de todo o seu sofrimento humano e perda de sentido da vida. Assim, influenciado pelos

⁴ M. A. CASANOVA, W. DILTHEY, *Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*, p. XI.

⁵ J.L. MORENO, *Psicodrama*, p.18.

movimentos teatrais de sua época,⁶ cria o teatro espontâneo como forma terapêutica do teatro, sendo o dia 1º de abril de 1921 considerado como a data de fundação do Psicodrama.

Em 1925, emigra para os Estados Unidos da América e, influenciado pelas ideias positivistas da época, constrói um sistema que fosse capaz de medir as relações intragrupo: a Sociometria (*socius*=grupo, *metrum*=medir). Opondo-se às ideias de Comte, Marx e outros a respeito das macrosociedades, Moreno propõe à sociologia o estudo das microsociedades. Enfatiza a dinâmica dos pequenos grupos, que reunidos formariam as grandes massas. Define os “átomos sociais” como a menor unidade da sociedade, os quais, através das “redes” vinculares, constituirão a grande sociedade.

A fim de estudar, investigar e compreender esse homem, como ser relacional, Moreno criou a Socionomia (*socius*=grupo, *nomos*=regra, lei), composta de três ramos: 1- a sociodinâmica: estudo do funcionamento das relações interpessoais; 2- a sociometria: objetiva medir as relações entre as pessoas; 3- a sociatria: constitui a terapêutica das relações sociais.⁷

Moreno faleceu em 14 de maio de 1974, deixando aos pós-morenianos um vasto corpo teórico, com uma proposta de intervenção prática. Dentro de todo esse legado teórico, que nos foi proporcionado por Moreno, a categoria encontro (*Begegnung*) será o foco dessas reflexões, dadas as possibilidades de construção da interlocução com Dilthey, conforme se objetiva neste trabalho.

A categoria Vivência (*Erlebnis*)

O que entendemos como vivência torna-se, então, fundamental para o avanço das reflexões. Tal abordagem limita-se aos objetivos desta comunicação. Com isso, não se pretende, aqui, esgotar a conceituação que tal temática exigiria. Apenas serão privilegiadas as articulações teóricas úteis ao recorte a ser realizado.

⁶ C. S. GONÇALVES, *Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J.L. Moreno*, p.14 (Stanislavski em 1905, Max Reinhardt com seu teatro em igrejas e circos, Pirandello em 1917, com o teatro psicológico, e Artaud com o teatro de vanguarda e catarse do terror).

⁷ A sociatria é constituída por 3 métodos: a) Psicodrama: tratamento do indivíduo e do grupo através da ação dramática; b) Sociodrama: tratamento do grupo como um todo; c) Psicoterapia de Grupo: tratamento do sujeito por meio das relações interpessoais e da dinâmica grupal. C. S. GONÇALVES, *Lições de psicodrama, introdução ao pensamento de J. L. Moreno*, p. 43.

Assim, em relação ao conceito de vivência, serão também utilizadas as concepções de autores brasileiros, como Luiz Henrique Dreher e Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral, que traduziram o conceito diltheyano de vivência, não somente para facilitação do ato de compreender, mas também para corroborar as ideias aqui expostas.

Podemos conceber o conceito de vivência como uma categoria epistemológica fundamental, devido ao fato de conter em si todas as categorias teóricas do conhecimento, como forma de objetivação da realidade. Segundo Amaral⁸, “todas as formas de realidade objetiva fazem parte das vivências por constituição [...]O que é real é vivenciado e o que é vivenciado é real”.

Assim, vivência pode ser compreendida como sendo a própria vida representada em sua menor dimensão, captada em sua essência, apreendida em suas proporções mais reduzidas, a menor representação fidedigna da vida como um todo. Ao mesmo tempo, em que a representa, em sua menor manifestação, a vivência é a maior prova da própria vida. Constitui, também, o último fundamento do conhecimento, a última forma do pensamento, para além da qual não se pode conhecer. Além da vivência, por se tratar da vida em sua forma diminuta de expressão, não se pode mais ter acesso, constituindo assim, o critério último da consciência.

A vivência pode ser compreendida como fundamento de todo o conhecimento, devido à possibilidade de criar nexos entre a realidade interior do sujeito com os objetos e seu mundo exterior. No entanto, a “experiência interna” extrapola as conotações subjetivas. Revela, acima de tudo, uma realidade unificadora, produtiva e criativa, imediata para si mesma, mas capaz de construir uma ponte do interior com o exterior. Essa possibilidade acontece através do significado que a vivência adquire. Tudo aquilo a que é atribuído valores, estabelecendo conexões, expressões, ideias e nexos entre as realidades vividas vão construindo toda uma rede de significações, constituindo a realidade. Cria-se uma sucessão de fatos, uma sequência de representações, estabelecendo-se a historicidade do sujeito. Assim, o significado acaba por ser constitutivo da própria vivência.

Vivência parece ser o verdadeiro ponto médio entre o geral e o individual, o universal e o singular, o ideal e o real, uma vez que, por constituição, carrega

⁸ AMARAL, *Conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito*, p.53.

em si uma consciência eficaz e por isso consoladora e protetora de sua origem extra-individual [...] se esse fundo comum lhe pertence é porque os indivíduos, na singularidade de suas vivências, co-experimentam valores, objetivos, expressões, significados, crenças e, assim atuando, como que co-participam da criação ou construção desse todo a que pertencem e que lhes pertence também.⁹

Se a vivência possibilita os laços afetivos e sociais entre os indivíduos em sua menor dimensão, torna-se também a menor unidade dos nexos históricos, nos quais o sujeito se encontra inserido, e em interação recíproca da vida com a vida. Essa interação do sujeito com o seu meio “parece ser o fato primeiro, a categoria fundamental da realidade histórico-social”.¹⁰ Tal interação ocorre através da capacidade de nossa vida psíquica, em todas as suas funções, significa o sujeito estar capacitado na condição de exteriorização, isso é, ser capaz de construir uma ligação contínua, instantânea e espontânea com o meio em que está inserido. . O mundo interno e o mundo externo se complementam através desse evento vivencial, único, inteiro, que cria a condição de possibilidade de dar sentido à vida.

Ao mesmo tempo, com sua capacidade de exteriorização, manifesta sua condição de voltar-a-si-mesmo, de “olhar-para-si”, isso é, de proceder à “autorreflexão”. Essa dupla capacidade de voltar para si mesmo e, ao mesmo tempo, voltar-se ao exterior, cria a condição de possibilidade de compreensão humana. É o homem sendo capaz de se compreender, ao mesmo tempo em que tem a possibilidade de compreensão do outro, seu semelhante. Torna-se, assim, capaz de compreender a cultura resultante da criação humana. Assim, criadores e criatura adquirem a possibilidade de encontro de sentido da existência humana, em sua singularidade e universalidade. Revela, assim, a relação que se estabelece entre a vida individual e histórica.

A vivência possui, além do aspecto unificador, um aspecto de criatividade e produtividade. Denominada também como experiência vivida (*lived-experience*), revela-se como unidade do tempo vivido, no aqui-e-agora da vida cotidiana. Capta o mundo em uma condição de singularidade e unicidade, na fluidez e continuidade da vida. “A vida capta a vida”.¹¹

Além disso, é um saber imediato, um “fato da consciência”. Portanto a vivência se objetiva no real. Ao se dar conta da realidade, cria um nexo de contínuismo com os

⁹ AMARAL, *Conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito*, p. 57

¹⁰ AMARAL, *Conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito*, p. 61

¹¹ DREHER, *Vivência/Erlebnis em Wilhelm Dilthe*, p.182.

fenômenos vivenciados, imbuída de um saber imediato, uma certeza e convicção intrínseca, uma compreensão possível que estabelece o conhecimento.

Segundo Dreher, estabelece-se uma dipolaridade entre vivência e compreender, na qual a espontaneidade como liberdade, marca toda a vivência.

A própria “vida”, da qual a vivência é uma parte, um microcosmo relacionado a um todo, é marcada por esta espontaneidade. Na vivência, mesmo a dependência pura-e-simples de um nexos mais amplo é vivida como liberdade radical, como criatividade, produção do que é individual a partir de um fundo não diferenciado, mas qualitativo.¹²

Ou seja, a vivência vivida como espontaneidade/liberdade, manifesta-se na exterioridade, por meio da criatividade, resultando em produção de algo novo e próprio de cada sujeito e de cada vivência. É através da criatividade e produtividade que a vivência se manifestará na realidade exterior. Isso nos possibilita a articulação da vida e da vivência com a seguinte maneira: vivência- espontaneidade- criatividade-expressão-compreensão. Entretanto, a vivência em si-mesma, em sua espontaneidade, não nos é possível objetivá-la, isso é, não se tem conhecimento da vivência em-si. Somente nos é dado conhecer, ou melhor, compreender através de sua objetivação, através da produção cultural, tradutora das vivências de cada sujeito. “A imanência viva da vida tende a traduzir-se na imanência dos bens culturais”,¹³ e somente através da exteriorização das expressões vividas é que nos possibilita o compreender.

A categoria Encontro (*Begegnung*)

Ao construir um “convite ao encontro”, Moreno lança as bases filosóficas de todo o seu projeto psicodramático. Concebendo o homem como um ser relacional, espontâneo, criativo e cósmico, sua condição de se colocar no mundo dar-se-á através do encontro com o outro.

Mas o que seria, para Moreno, encontro? Segundo Fonseca,¹⁴ o próprio Moreno teria dito que a palavra encontro (*Begegnung*) traria grandes dificuldades para ser traduzida. Não se trata de estar, apenas, uma pessoa frente a frente com outra. Não se

¹² DREHER, *Vivência/Erlebnis em Wilhelm Dilthe*, p.186.

¹³ DREHER, *Vivência/Erlebnis em Wilhelm Dilthey*, p.192.

¹⁴ J. FONSECA, *Psicodrama da Loucura: Correlações entre Buber e Moreno*, p.33.

resume apenas na aproximação entre dois seres humanos. Trata-se, acima de tudo, de um cara-a-cara vivenciado, dinâmico e significativo entre as pessoas.

Encontro (*Begegnung*) significa confronto, isto é, contato de sujeitos capazes de perceber um ao outro, comunicando-se direta e intuitivamente, de modo primário, por meio de linguagem verbal e corporal. São duas ou mais pessoas que se comunicam, vivem e experimentam as mesmas “vibrações” ou emoções, criando uma experiência significativa de reciprocidade total. Ocorre de maneira atemporal, instantaneamente, não planejado e não estruturado.

“Encontro” significa mais do que uma vaga relação interpessoal (*zwischenmenschliche Beziehung*). Significa que duas ou mais pessoas se encontram não só para se defrontarem entre si mas também para viver e experimentar-se mutuamente, como atores cada um por seu direito próprio.¹⁵

A partir da categoria encontro, Moreno constrói a chamada “Teoria do Momento”.¹⁶ Descreve, assim, a maneira que compreende e possibilita maior esclarecimento de seu conceito de encontro. Este é vivido no aqui-e-agora do tempo presente, na experiência da subjetividade, na fluidez da vida. O momento possibilita o encontro, constituindo um convite, uma convocação para uma vivência mútua.

Evoca o conceito de tele,¹⁷ tornando o encontro um fenômeno télico, em que encontra-se envolvida a igualdade, a reciprocidade, a mutualidade, isso é, uma sensibilidade que une as pessoas. Envolve a espontaneidade/criatividade fundamental ao homem moreniano. No entanto, o encontro manifesta-se nas conservas culturais oriundas dos diversos papéis (psicossomáticos, psicológicos e sociais),¹⁸ que os sujeitos desempenham ao longo da vida. Através dos papéis desempenhados, constrói-se a capacidade de se colocar no lugar do outro, isso é, de se inverter os papéis. Ao desenvolver a capacidade de inversão de papéis, cria-se a condição de possibilidade de coparticipação da vivência com o outro e, assim, compartilha-se os mundos vividos, possibilitando a compreensão viva.

¹⁶ MORENO, *Psicodrama*, p. 307- 308.

¹⁶ GONÇALVES, *Lições de Psicodrama: Introdução ao pensamento de J. L. Moreno*, p.58.

¹⁷ Tele (à distância) é, portanto, “o conjunto de processos receptivos que permite uma valorização do mundo circundante” (ROJAS-BERMUDEZ, p.60), apud FONSECA, 2008.

¹⁸ W. DILTHEY, *Ideias acerca de uma psicologia descritiva e analítica*. Disponível em: <www.lusosofia.net>. Covilhã, 2008, p. 80

A categoria Vivência (*Erlebnis*) e a categoria Encontro (*Begegnung*)

A partir das considerações anteriores, podemos então, traçar os objetivos finais dessas reflexões. Ao aproximarmos os conceitos da categoria vivência (*Erlebnis*), de Dilthey e a categoria encontro (*Begegnung*) de Moreno, percebe-se que ambas apontam para similaridades, que justificam reflexões e favorecem maior compreensão da proposta moreniana de intervenção psicológica.

Vivência, no sentido diltheyano, tem a conotação de captar a vida e a ela dar sentido. Moreno, com seu “convite ao encontro”, espera possibilitar aos homens o resgate da vida em sua plenitude. Para isso, ressalta as condições necessárias para que sua proposta tenha êxito. Descreve a espontaneidade como fundamento de toda a ação humana, em busca de sua felicidade perdida ao longo da existência humana. Tal espontaneidade, vista como liberdade, constitui um dos fundamentos de toda a “experiência vivida”. No entanto, essa espontaneidade/liberdade se manifesta, para Dilthey, através da criatividade que produzirá a manifestação (produto) da vivência e assim teríamos acesso a ela.

Moreno descreve, em seu livro *Quem Sobreviverá?*,¹⁹ o cânone da espontaneidade e criatividade, em que revela que o resultado final da espontaneidade e criatividade é a chamada conserva cultural, produto das ações humanas através dos diversos papéis desempenhados.

A respeito da cultura, tais conclusões morenianas ecoam nas ideias de Dilthey em relação ao homem e sua existência.

Um complemento deveras importante de todos esses métodos, na medida em que se ocupam de processos, consiste em utilizar os produtos objectivos da vida psíquica. Possuímos na linguagem e na arte, e em geral em todas as realizações históricas, uma vida psíquica que se objetivou: produtos das forças efectivas de natureza psíquica; formas firmes que se estruturam como elementos psíquicos e segundo suas leis.[...] daí o valor inestimável que supõe a posse de formas permanentes de linhas nítidas, a que continuamente pode retornar a observação, a análise.²⁰

¹⁹ J.L. MORENO, *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia e do psicodrama*, p. 60.

²⁰ W. DILTHEY, *Idéias acerca de uma psicologia descritiva e analítica*. Disponível em: www.lusosofia.net Covilhã, 2008, p. 81

Assim, mais uma vez, podemos observar a complementaridade das ideias de Dilthey e Moreno. Dilthey ao afirmar que “completamos a percepção interna mediante a apreensão de outras pessoas, apreendemos o seu íntimo”,²¹ aproximamo-nos do convite ao encontro de Moreno:

Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.
E quanto estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos
e colocá-los-ei lugar dos meus;
E arrancarei meus olhos
para colocá-los no lugar dos teus;
Então ver-te-ei com os teus olhos
E tu ver-me-ás com os meus²².

Em seu método psicodramático, Moreno cria as condições de possibilidade para que a experiência vivida (*lived-experience*) aconteça. Assim, no primeiro momento denominado aquecimento ocorre toda a preparação para o encontro. Todos envolvidos na experiência psicodramática são levados, através da ação, a mobilizarem as emoções, afetos e demais sentimentos, tornado-se aptos à “experiência vivida”.

Em seguida, vivencia-se a dramatização. É aqui que a categoria encontro espelha-se na vivência, segundo Dilthey. Na dramatização, todas as dimensões da vivência se repetem. Desperta e mobiliza a espontaneidade, levando o sujeito e/ou grupo a se tornar criativo (produtivo), manifestando sua percepção de si mesmo (autorreflexão) e incentivando a percepção do outro. Cada participante é incentivado a se colocar no lugar do outro por meio de técnicas psicodramáticas, principalmente a técnica de inversão de papéis. Nessa técnica, o sujeito, vivenciando a ação psicodramática, é convidado a assumir o papel do outro, colocando-se em seu lugar, vivenciando as emoções e sentimentos do outro como sendo seus.

O encontro, assim vivenciado, evoca toda a história revelada na vivência, tal qual efeito dominó, isso é, as lembranças evocadas resgatam todas as demais lembranças vividas e revividas, ao longo da história individual e coletiva. Possibilita a catarse de integração, momento em que o vivido ganha novos significados e a vida pode ser vista sob novas perspectivas.

²¹ W. DILTHEY, *Idéias acerca de uma psicologia descritiva e analítica*. Disponível em: <www.lusosofia.net>. Covilhã, 2008, p. 80

²² J.L. MORENO, *Psicodrama*.

A partir daí, desenvolve-se o compartilhar. Nesse momento, que ocorre após o encontro, as emoções vividas, as percepções compartilhadas aumentam a percepção de si, do outro e da vida como um todo. Nesse aqui-e-agora algo da vida foi revivido, seguindo o próprio modelo da vida, tal qual Moreno o concebeu.

Conclusão

Ao estabelecer o encontro como fundamento de toda a ação psicodramática e também uma ética própria, Moreno se aproxima de Dilthey e compartilha suas ideias. O encontro moreniano trata-se de um convite à vivência diltheyana, em que o fundamental para o homem é estar aberto ao outro, compartilhando toda a sua vida psíquica, no aqui-e-agora existencial. Tais concepções esclarecem os motivos que podem levar as pessoas, no dia-a-dia, a usarem frequentemente a expressão “vivência psicodramática”. As concepções de Dilthey a respeito de vivência nos fornecem as bases filosóficas para o emprego adequado e justificado de tal expressão.

Assim, acreditamos que as concepções teóricas compartilhadas por esses dois grandes nomes da epistemologia contemporânea não só solidificam, como também possibilitam novas reflexões, aumentando a capacidade de compreensão do objeto final de ambos: o homem e sua maneira de se conhecer e compreender.

As novas possibilidades de diálogos que a teoria pós-moreniana possa estabelecer, pensamos se constituir na melhor maneira de agregar novos personagens dessa história. O aumento do número de atores dessa peça, que é a vida, na teoria moreniana, fortalece o projeto iniciado por Moreno. Acreditamos que seja essa a tarefa deixada àqueles que acreditam e compartilham de todo esse modelo filosófico-existencial, iniciado em 1º de abril de 1921, em um palco de teatro. Para uma praxis coerente e responsável, fiel aos princípios deixados por Moreno, faz-se necessário assumir novos desafios. A aproximação de Moreno às ideias de Dilthey pode ser um desses, através do convite que nos foi deixado por Moreno...

Referências

AMARAL, M.N.C.P. *Dilthey – conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito*. Trans/Form/Ação, São Paulo, 27 (2): 51-73, 2004.

DILTHEY, W. *Introdução às Ciências Humanas*, Tradução: Marco Antônio Casanova. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DILTHEY, W., *Ideias acerca de uma psicologia descritiva e analítica*. Disponível em: <www.lusosofia.net>. Covilhã, 2008

DREHER, L.H. *Vivência/Erlebnis em Wilhelm Dilthey*, in FERREIRA, A.M.C., Verdade e Interpretação. Salvador: Quarteto Editora, 2013.

FONSECA, J. *Psicodrama da loucura: Correlações entre Buber e Moreno*. 7. ed. rev. São Paulo: Ágora, 2008.

GONÇALVES, C.S.; WOLFF, J.R.; ALMEIDA, W.C. *Lições de Psicodrama: Introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. 3. ed. São Paulo: Ágora, 1988.

MARCONDES, D., *Iniciação à história da filosofia, dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MARTÍN, E.G. *Psicologia do encontro: J.L. Moreno*. 2.ed. São Paulo: Ágora, 1996.

MORENO, J.L. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*, Tradução: José Carlos Vitor Gomes. 3. ed. Campinas : Livro Pleno, 1999.

_____. *Psicodrama*. Tradução:Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978

_____. *Quem sobreviverá? : Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama: edição do estudante*. Tradução: Moysés Aguiar. São Paulo: Daimon, 2008.